

Filosofias e Teologias Etnocêntricas ou Etnocêntricas Filosofias e Teologias? Futebol, Política e Religião com práticas Etnocêntricas e Xenófobas sob olhares da Sociologia, Historiografia, Filosofia e Antropologia

Relatos de Experiências Sócio Filosóficas

Marcelo Barboza Duarte

Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro. Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5948-5714>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9181809154326618> . E-mail: mbduarte@id.uff.br

RESUMO

O trabalho em tela se propõe como uma espécie de Ensaio com relatos de experiências abordando questões sociológicas, históricas, filosóficas, antropológicas, pedagógicas e políticas nos âmbitos e aspectos sociais, culturais, religiosos e esportivos do e no Brasil durante os anos 70-80. (Não sendo este trabalho especificamente e especializadamente um investigador de tais fenômenos e processos (não sendo especificamente um artigo). Mas, apenas um instrumento de reflexões deles e pelas áreas dos conhecimentos mencionadas. Realizando assim e juntamente com elas, movimentos de historiografia, memórias, experiências sociológicas, pessoais e resgates de certos eventos. E através disso refletindo sobre práticas etnocêntricas e xenófobas enraizadas em nossas sociedades, culturas, manifestações religiosas, filosóficas, teológicas e esportivas. Onde tal mosaico socioculturais formam ou representam a “sociedade e cultura brasileira como país e nação.” Sendo objetivo fulcral aqui, discutir nossas relações sociais e culturais atravessadas por sutis teorias e práticas que nos segregam, nos condicionam, nos moldam, nos disciplinam e nos fazem reproduzir inúmeros etnocentrismos e xenofobias. Isso como instrumentos, processos e ideais políticos de alienação de massas e pela ordem e ditames das classes dominantes. Seja pela força, de modo consensual, omissões, passividades, conivências ou por ideologias. Ou seja, o trabalho não objetiva em se aprofundar temas já conhecidos, mas sim apenas abordar criticamente certas experiências e tratá-las por novas vias, olhares e reflexões. Dessa forma, o produto se constitui em uma obra de caráter observacional, interpretativa e bibliográfica. E sob a influência do método materialista histórico-dialético. Entretanto, não de modo ortodoxo, e fundamentalmente para analisar as relações sociais concretas e abstratas, objetivas e subjetivas em suas materialidades nos processos sócio-históricos culturais e nas intrincadas relações sociais e seus emaranhados. O que nos possibilitou as observações, análises, interpretações e descrições.

Palavras-chaves: Filosofia; Teologia; Futebol; Ideologia; Etnocentrismo; Xenofobia; Cultura; Política.

Title

Ethnocentric Philosophies and Theologies or Ethnocentric Philosophies and Theologies? Soccer, Politics and Religion with Ethnocentric and Xenophobic

Practices from the Perspectives of Sociology, Historiography, Philosophy and Anthropology

Subtitle

Reports on Socio-Philosophical Experiences

ABSTRACT

The work at hand is proposed as a kind of Essay with reports of experiences addressing sociological, historical, philosophical, anthropological, pedagogical and political issues in the social, cultural, religious and sporting spheres and aspects of and in Brazil in years of 70-80. This work is not specifically and specialized in investigating these phenomena and processes. (This is not specifically an article). Rather, it is merely an instrument for reflecting on them and the areas of knowledge mentioned. In this way, and together with them, we are carrying out movements of historiography, memories, sociological, personal experiences and recoveries of certain events. And through this, reflecting on ethnocentric and xenophobic practices rooted in our societies, cultures, religious, philosophical, theological and sporting manifestations. Where such a socio-cultural mosaic forms or represents "Brazilian society and culture as a country and nation." The central objective here is to discuss our social and cultural relations, which are crossed by subtle theories and practices that segregate us, condition us, mold us, discipline us and make us reproduce countless ethnocentrism and xenophobias. This is done as instruments, processes and political ideals of mass alienation and by the order and dictates of the dominant classes. Whether by force, consensual manner, omissions, passivity, connivance or by ideologies. In other words, the work does not aim to delve into already known themes, but rather to critically address certain experiences and treat them through new ways, perspectives and reflections. The product is therefore an observational, interpretative and bibliographical work. And under the influence of the historical-dialectical materialist method. However, not in an orthodox way, but fundamentally to analyze concrete and abstract, objective and subjective social relations in their materiality in socio-historical, culturally processes and their intricate social relations and their entanglements.

Keywords: Philosophy; Theology; Football; Ideology; Ethnocentrism; Xenophobia; Culture; Politics.

Título

¿Filosofías y Teologías Etnocéntricas o Filosofías y Teologías Etnocéntricas? Fútbol, política y religión con prácticas etnocéntricas y xenóforas desde las perspectivas de la sociología, la historiografía, la filosofía y la antropología

Subtítulo

Informes sobre experiencias sociofilosóficas

RESUMEN

La obra que nos ocupa se propone como una especie de Ensayo con relatos de experiencias que abordan cuestiones sociológicas, históricas, filosóficas, antropológicas, pedagógicas y políticas en las esferas y aspectos sociales, culturales, religiosos y deportivos de y en Brasil durante los años 70-80. Esta obra no se dedica de forma específica y especializada a investigar estos fenómenos y procesos (no se trata específicamente de un artículo). Se trata, más bien, de un mero instrumento de reflexión sobre ellos y sobre las áreas de conocimiento mencionadas. Al hacerlo, y en conjunción con ellos, nos movemos por la historiografía, las memorias, las experiencias sociológicas y personales y recuperamos determinados acontecimientos. Y a través de ello, reflexionar sobre prácticas etnocéntricas y xenóforas arraigadas en nuestras sociedades, culturas, manifestaciones religiosas, filosóficas, teológicas y deportivas. Donde este mosaico socio-cultural forma o representa «la sociedad y la cultura brasileña como país y nación». El objetivo central aquí es discutir nuestras

relaciones sociales y culturales, atravesadas por sutiles teorías y prácticas que nos segregan, nos condicionan, nos moldean, nos disciplinan y nos hacen reproducir innumerables etnocentrismos y xenofobias. Esto como instrumentos, procesos e ideales políticos de alienación de masas y por orden y dictados de las clases dominantes. Ya sea por la fuerza, el consenso, la omisión, la pasividad, la convivencia o la ideología. En otras palabras, el objetivo de este trabajo no es profundizar en temas ya conocidos, sino abordar críticamente determinadas experiencias y tratarlas de nuevas maneras, con nuevas perspectivas y reflexiones. Se trata, pues, de un trabajo observacional, interpretativo y bibliográfico. Y bajo la influencia del método materialista histórico-dialéctico. Pero no de forma ortodoxa, sino fundamentalmente para analizar las relaciones sociales concretas y abstractas, objetivas y subjetivas en su materialidad en los procesos socio-históricos y cultural y en las intrincadas relaciones sociales y sus enredos.

Palabras clave: Filosofía; Teología; Fútbol; Ideología; Etnocentrismo; Xenofobia; Cultura; Política.

INTRODUÇÃO

A exposição em tela é filosófica, sociológica, antropológica, política, histórica, psicanalítica, psicológica e educativa. Contendo muita influência das perspectivas da filosofia grega, especificamente a socrática-platônica e sua pedagogia, carregada aqui com suas ironias, sarcasmos, analogias, metáforas, alegorias e assim por diante. Sendo o trabalho um alerta e chamando à atenção quanto aos emaranhados ideológicos e de persuasão que nos cercam.

É! E não é que eu acreditava mesmo, que “Deus” era brasileiro. Não seria de se espantar que considerável número de brasileiros já pensara assim ou ainda estejam pensando.

Basta observarmos quando acontecem eventos esportivos internacionais. A exemplo do futebol. Nos confrontos entre brasileiros e estrangeiros muitas pessoas do nosso país começam a fazer preces para Deus ou deuses. Rezam, oram, fazem mandingas, esconjuros, agouros, invocações, praguejam os adversários e assim por diante. Talvez isso ocorra também em outros países, em seus povos, culturas e crenças (GEERTZ, 2008). Eu não saberia dizer...

Mas, tudo tem um contexto, e tão logo surgem os sentidos, símbolos, significados e as respostas sobre e dos contextos mencionados, assim como o de suas crenças, culturas, valores, aspirações, tradições, conteúdos, costumes etc. (BOURDIEU, 2003, 2012; FERNANDES, 1979).

Era a época dos anos 70 e 80. E o lema que permeava em todas as camadas, esferas e âmbitos sociais era: “Brasil: Ame-o ou deixe-o.” E juntamente com esse ainda se ouvia em vários cantos do país o sussurro de outro lema anterior:

“Deus, Pátria e Família.” Ambos inspirados e influenciados por regimes autoritários, totalitários, conservadores, ditatoriais, extremistas e fundamentalmente fascistas euramericanos.

A visão de mundo nesses contextos mencionados e o imaginário social eram repletos de símbolos, representações, sentidos e significados relacionados as crenças em Deus, certos ideais familiares e sobretudo um senso de nacionalismo e patriotismo exacerbados e contraditórios, extremos e excessivos. Tanto esses tais nacionalismos quanto seus patriotismos eram contraditórios, controversos e até mesmo com seus paradoxos.

A construção da organização social e sua permanência eram pautadas pela ordem do discurso idealizados das sociedades euramericanas. E assim o Brasil carregava seu nacionalismo e patriotismo em uma posição de terceiro lugar depois dessas duas estruturas representativas de ideal no imaginário social construído pelas elites brasileiras. A arte da persuasão de discursos ideológicos e políticos das classes dominantes eram as armas de subordinação das massas – além dos aparelhos de coerção e do uso da força do estado sobre elas, as massas dominadas. Ou seja, a ideologia através da política e da persuasão das retóricas tinham grande poder de convencer, dominar, persuadir, manipular e fazer mover os receptores.

Tanto Aristóteles (2005, 2018) quanto Chauí (1980, 2006), Citelli (1990), Gancho (1993) e Fiorin (1994) nos informam, nos alertam e nos advertem sobre a utilização da arte retórica, política e das narrativas persuasivas – isso para convencer, mobilizar e manipular as pessoas ou as massas em geral. Já que há discursos desde as narrativas e exposições persuasivas e ideológicas por meio da expressão oral ou da oralidade quanto pelos silêncios dos símbolos, signos, significantes, significados e significações – arbitrários e autoritários ou não – entretanto, mesmo com suas contradições e antagonismos eles repassam e transmitem suas mensagens mudas, sendo estas divulgadas apenas pelas e com as imagéticas diariamente e cotidianamente. Ou seja, imagens e símbolos que falam, narraram e discursam silenciosamente ou emudecidas as ideologias dominantes – e tudo isso por meio da arte da persuasão e da política – alinhadas a um tipo de

retórica (ARISTÓTELES, 2005; CHAUI, 1980; CITELLI, 1990; FIORIN, 1994; BOURDIEU, 2003, 2012).

Fase I: Relatos — As Crenças, as Decepções, os Traumas, as Dúvidas e a Realidade dos Fatos

Início dos anos 70... Como um rebento herdeiro dos gostos pelo futebol, talvez um guri muito simpaticante pela prática futebolista, logo tão cedo me amarguei em ver a seleção brasileira perder a Copa do mundo de 1978. Eu tinha “uma fé fervorosa,” uma crença convicta de que “Deus” era brasileiro e nos faria vencer a Copa de 1978. Infelizmente ficamos contragostos com o terceiro lugar. Mas eu ainda acreditava que “Deus” era brasileiro. E que “ele estava do nosso lado.”

Enfim, chegou à Copa de 1982, e mais uma vez eu acreditando que “Deus” era brasileiro, tão logo me esforcei em ter fé o suficiente para fazer o senhor “Deus” nos dar a vitória nessa Copa de 1982. Era preciso ter fé e ações para com e no “Deus ou deuses brasileiros.” Hábitos, costumes e crenças que interiorizamos, internalizamos e exteriorizamos. Vale dizer que quando nascemos nessas sociedades, estes fatos e crenças já existem anteriores a nós, Durkheim (2011, 2014) sem dúvida nos informaria isso. Diria serem eles Fatos Sociais.

Infelizmente eu já estava começando a ficar com dúvidas, descontente, retraído e até suspeito sobre a relação de “Deus” com a Argentina, já que ela ganhou a Copa de 1978 — e assim também fiquei em relação para com a Itália, que acabou ganhando a Copa de 1982. Então pensei: ou “Deus” é argentino, italiano ou está nos traindo, conspirando contra nós brasileiros ou “Deus” não é brasileiro. Ou talvez todas essas crenças não passassem de uma invenção dos governos e dos ricos que controlavam o governo na época. Havia pessoas que se acusavam, se atacavam e se agrediam verbalmente e fisicamente pelo simples motivo de rirem quando o Brasil perdia ou por não demonstrarem crenças, fé e confianças suficientes nos atletas do nosso país e no nosso país representado por eles. Parecem hipérboles, porém, muito de tudo isso eram realidades costumeiras e cotidianas. Ou seja, ocorriam como que naturalmente e normalmente.

Sendo assim, pensávamos, se Deus não é brasileiro, precisamos dizer-lhe ou lembrá-lo: “Brasil: Ame-o ou deixe-o.” Assim como: “Deus, Pátria e Família.”

Após perdermos também a Copa de 1982, enfim chegou a de 1986. E para o meu desgosto a seleção brasileira voltou para casa sem mesmo chegar à semifinal. Ou seja, a seleção brasileira perdeu também a Copa de 1986. Daí cheguei à conclusão: “Deus” não é brasileiro, ele é tudo, menos brasileiro. Aparentemente talvez eu tivesse um pouco de razão: talvez ele seja tudo, ou reformulando, ele seja todos ou esteja com e em todos. Menos com o Brasil. Ou talvez apenas com todos os países e seleções que ganhavam as partidas internacionais nas Copas.

Lembrando ainda – que muitos atletas eram tratados como traidores por perderem as copas. Além de vários serem execrados, humilhados e até mesmo perseguidos de vários modos.

Talvez tudo isso fizesse parte do jogo de futebol, da política e das suas relações com a religião ou religiões e vice-versa. Quem sabe um tipo de jogo que toda a sociedade brasileira participava direta e indiretamente através e por meio do poder e da arte da persuasão e das ideologias dominantes? Ora, talvez nunca iremos saber a resposta sobre tais fatos.

Pronto, para minha desilusão foi despedaçado meu etnocentrismo e minha talvez sutil e disfarçada xenofobia. Juntamente com minhas crenças e certezas. Agora eu vivia no mundo das dúvidas, das incertezas e de aporias – além de começar a mergulhar em certo *niilismo* nacional, governamental, religioso e político do país. Eu só queria saber se outras pessoas de outras sociedades e culturas que perdiam as copas – também passavam por situações como essas. “Felizmente o “Ego nacional” estava ancorado nos euramericanos. Então, a vida e a sociedade seguiam seu rumo olhando para esses dois sóis, talvez dois importantes ídolos do país. Já que nossa sociedade está repleta de seus símbolos, signos, representações etc. E geralmente muitos de nós os cultuamos direta ou indiretamente – seja silenciosamente ou não.

As imagens, os ideais, os mitos, os termos, os símbolos, as leis, os códigos, as figuras, a visão e concepção de mundo, de política, economia, religião e religiosidade, assim como todos estes são apenas alguns exemplos do poder e influência de uma cultura dominante, colonizadora e opositora sobre uma cultura dominada, colonizada e oprimida. Onde após certo tempo essas várias formas de

narrativas e discursos com os aparatos de persuasão disseminam as ideologias dominantes e tão logo elas nos são apresentadas ou representadas como modelos, exemplos, paradigmas, diretrizes, ídolos e até mesmo como objetos dignos de veneração. Isso é o poder da ideologia diluída pelas mais variadas formas e manifestações persuasivas (CITELLI, 1990). A exemplo dos signos, símbolos e significados destes Citelli (1990) nos informa que,

Há uma enorme série de exemplos de instrumentos, ou até mesmo produtos de consumo, que perderam seu sentido inicial para se transformarem em signos: ou seja, passaram a funcionar como veículos de transmissão de ideologias. O pão e o vinho para os cristãos, a balança para a justiça, a maçã para o pecado, a pomba para a paz etc. É possível, contudo, em qualquer desses exemplos, saber até onde existe instrumento, ou produto de consumo, e onde começa o signo; numa palavra, estamos diante da passagem do plano denotativo para o plano conotativo. O pão, enquanto tal, denota um alimento; porém, no contexto do rito religioso, passa a conotar o corpo de Cristo. Para aduzirmos mais uma observação às considerações realizadas até aqui, convém lembrar que o signo nasce e se desenvolve em contato com as organizações sociais. O signo só pode ser pensado socialmente, contextualmente. Sendo assim, cria-se uma relação estreita entre a formação da consciência individual e o universo dos signos. Só podemos pensar a formação da consciência dentro de um prisma concreto, derivado, do embate entre os signos (CITELLI, 1990, p. 41).

E o que esses relatos têm a ver com a questão: Filosofias e Teologias Etnocêntricas ou Etnocêntricas Filosofias e Teologias? Futebol, Política e Religião com práticas Etnocêntricas e Xenófobas sob olhares da Sociologia, Historiografia, Filosofia e Antropologia?

Ora, nossa sociedade e país são herdeiros diretos da cultura europeia e ainda fortemente influenciados por ela, além de outras culturas e sociedades, é claro, sobretudo das indígenas e africanas. Entretanto, é a cultura dos colonizadores que se colocam como dominantes e hegemônicas em nosso país. Apenas como exemplo: a religião, as linguagens, os ideais, os ocidentalismos, eurocentrismos, europeísmos e em muitas de nossas maneiras de consumo e de comportamentos. Não que sejam iguais, mas, elas são observadas “como modelos” e assim “tentamos copiá-las ou reproduzi-las” como padrões e modelos. As “famosas frases contínuas e constantes dizendo ou afirmando: na Europa é assim...” Já dizem muito.

Portanto, não há como negar que no caso específico de nossas crenças, valores, visão de mundo, imaginário social, gostos, esportes, religiões, teologias,

política, filosofias e dentre outras – estão ligadas ainda “como que por um certo cordão umbilical com a Europa.” Logo, a Europa se destaca com maior poder e influência sobre o nosso povo, cultura, comportamentos, sociedade e país. E a isso se vinculam nossas relações com o restante do mundo e também com a prática do esporte futebolístico ou outros tipos e modalidades esportivas (LARAIA, 2008).

Ora, outro exemplo e que não seria de se espantar, é que no Brasil há décadas que geralmente uma média de 85 a 90% (talvez mais)¹ da população se declara cristã, isso já é um fato das hegemonias políticas, teológicas e religiosas cristãs colonizadoras influenciando direta e indiretamente o nosso país, sociedade, instituições e estruturas. E tais fatos já podem evidenciar a flagrante ação etnocêntrica, xenófoba, preconceituosa para com outras manifestações religiosas e suas crenças, assim como há nesse padrão em tela, as práticas de conservadorismos diversos, tanto dos colonizadores quanto das classes dominantes – inclusive de se manter a ordem, a disciplina, o imaginário social e o controle sobre as massas. Ou seja, nossa sociedade brasileira aparentemente “nacionalista e patriótica” é profundamente eurocêntrica, etnocêntrica e euro americanista – bem como reprodutivista. Uma grande contradição e paradoxo. “Aqueles que são diferentes do grupo do “EU” – os diversos “OUTROS” deste mundo (ou país) –, por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados grupos e momentos (ROCHA, 1996, p. 15).” E assim são as ideologias com fins a persuasão, engano, dominação, controle, manipulação e representação das realidades por suas próprias percepções, noções e concepções. A tais fatos afirmam e colaboram os autores a seguir,

Geralmente nos processos colonizadores e supostamente civilizatórios do ocidente, havia não apenas mecanismos de exploração e exploração das colônias, mas também certa imposição cultural, linguística e de poder das ideologias das classes dominantes

¹ - Podemos trazer certa frase “declarada e exposta” recentemente por figuras públicas, “o Brasil é um país cristão.” “Infelizmente” isso é verdade, já que mais de 64% da população se considera católicos, e entre 22% e 25% se consideram evangélicos (ou protestantes). Somando todas as correntes e denominações cristãs (protestantes, católicos, pentecostais etc.), daria uma média de entre 86%-89% da população brasileira que aderem aos cristianismos. E esse fator gera um problema pela prática da intolerância religiosa para com outras crenças e manifestações religiosas diferentes em “minoritárias” no país, inclusive intolerância contra os ateus (IBGE, 2022).

ou elites colonizadoras. O Brasil e a América Latina passaram por tais processos, mecanismos e procedimentos (mais adiante trataremos dessa abordagem sobre o Brasil com maiores detalhes) (RINKE, 2016). Ou seja, até mesmo em tal fato podemos observar o embate entre termos, palavras, discursos, linguagem e realidade (verdade (s) e realidade (s) como fluxos opostos) (AUTOR, 2023, p. 7).

O fato é que durante a história humana, das sociedades e suas culturas, se verifica inúmeros embates, batalhas, conflitos, disputas, combates e até guerras por motivos diversos, tais como: econômicos, políticos, religiosos, ideológicos, dentre outros. Porém, por detrás de tais conflitos, embates, disputas, combates e guerras, há também evidências da presença de sentimentos, expressões e práticas de Etnocentrismo e Xenofobia (AUTOR, 2022, p. 14).

(...) Etnocentrismo, xenofobia e medo estão arraigados em percepções, noções, sentimentos, concepções e psiquismos ligados a pulsões, repressões e recalque, bem como a mecanismos ligados à linguagem e à ideologia, nos quais fazem com que indivíduos sintam e vejam o que não é real. Pois, são instrumentos de construção da subjetividade e imaginário social (AUTOR, 2022, p. 18).

Logo,

O que torna possível a ideologia é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre as outras. Porém, o que faz a ideologia ser uma força quase impossível de se atingir e ser destruída, é justamente o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. Em outras palavras, a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses, ou Deus, a Razão ou a ciência, a sociedade, o Estado) que existem em si e por si, e as quais é legítimo e legal que se submetam aos mesmos (CHAUI, 2006, p. 87).

Diremos de facto que qualquer Aparelho de Estado, seja ele repressivo ou ideológico, «funciona» simultaneamente pela violência e pela ideologia, mas com uma diferença muito importante que impede a confusão dos Aparelhos Ideológicos de Estado com os Aparelhos repressivos de Estado (ALTRUSSER, 1987, p. 46).

É que em si mesmo os Aparelhos repressivos de Estado funcionam de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia. (Não há aparelhos puramente repressivos). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam também pela ideologia, simultaneamente para assegurar a sua própria coesão e reprodução e pelos valores que projetam exteriormente (ALTRUSSER, 1987, p. 47).

(...) A ideologia presta um serviço de fundamental importância para a burguesia dentro do sistema capitalista; é por meio dela que a burguesia consegue manter o seu status de classe dominante. Ela está presente na formação das classes sociais, na perpetuação das condições de reprodução, nos aparelhos ideológicos estatais e privado (...). (...) A ideologia é o sistema das ideias e das representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. São ideias falsas a

respeito de si e da realidade. A ideologia promove a organização das relações objetivas em função de suas representações. Esses produtos do cérebro humano crescem ao ponto de dominar o homem completamente, assim, nos tornamos criações de nossas próprias criações ou falsas representações da realidade (LINHARES, MESQUITA & SOUZA, 2007, p. 2).

Sendo assim, “A ideologia é resultado da luta de classes, e que tem por função esconder a existência dessa luta. Podemos ainda acrescentar que, o poder ou a eficácia da ideologia aumentam quanto maior for sua capacidade de ocultar a origem da divisão social em classes e a luta de classes (CHAUÍ, 2006, p. 90).”

Portanto, internamente aos processos e procedimentos da linguagem até a sua materialidade, funcionam jogos, sejam com contradições, antagonismos e sem a real correspondência e relação com a realidade social. Já que, certos grupos manipulam a realidade conforme seus interesses, e assim ‘criam outras formas de realidades através da ideologia’ e ou falsa consciência nos e dos sujeitos, inclusive no próprio imaginário social e coletivo. Política, linguagem e conhecimento foram cúmplices como instrumentos de poder para a dominação, controle e direcionamento das massas, mas eles também o podem ser para a libertação, emancipação e ou autonomia destes (AUTOR, 2023, p.33).

Uma vez que, a ideologia dominante tem conseguido reduzir o ser político e a política para as concepções da massa dominada como sendo sinônimos de partidarismo político, inclusive que política é o mesmo que instituição partidária. Ou seja, criou-se a ideia de que política e partidarismo são sinônimos. Uma ingenuidade criada ideologicamente (...) (AUTOR, 2020, p. 59).

Talvez aqueles problemas apresentados, fatos e fenômenos futebolísticos sociais, políticos, econômicos, religiosos, comerciais e culturais – ocorram também com várias outras práticas de esportes ou esportivas, contendo a concepção e noção como se “Deus” fosse brasileiro e nos daria ou dará a vitória nos esportes contra nossos concorrentes ou adversários estrangeiros. Inclusive contra os adversários, concorrentes e competidores internos no país nas competições internas do referido. Onde as manifestações políticas, religiosas e econômicas estarão presentes – sobretudo com as forças das ideologias dominantes e suas ações persuasivas.

O problema é tão complexo que quando há competições apenas nacionais, ou seja, internas ao país e entre os brasileiros, a mesma concepção e noção apelativa político-religiosa é invocada contra os concorrentes e adversários internos, mesmo eles sendo brasileiros. O que além de serem contraditórias, confusas e

controversas – também o são paradoxal. E a questão e relação com a política e a religião se farão presentes da mesma forma. Entretanto, agora de modo a nos segregarmos e nos excluirmos entre as correntes religiosas cristãs e contra as não cristãs. Mais uma vez o flagrante etnocentrismo atuará. Além do egocentrismo, é claro.

Ou seja, nós invocaremos a ajuda, auxílio e socorro de “Deus ou dos deuses” para ganharmos de nossos competidores, adversários e concorrentes do mesmo ou do próprio país.

Mas se “Deus (ou os deuses)” é ou for brasileiro, ele não pode ser contra o brasileiro, mas sim por todos os brasileiros. Talvez sim, ou talvez não. As ideologias definirão isso.

Porém, já vimos desde os anos de 1978, 1982 e 1986 que esse lema falhou. Ou “Deus” falhou. Talvez tenhamos falhado. E agora vêm a desilusão final, que é: quase todos os esportistas do globo, de diferentes países, sociedade, culturas, crenças, percepções, noções e concepções também invocam a ajuda ou auxílio de “algum Deus” ou dos “deuses” em favor deles. E que em certos casos, talvez seja considerado “o suposto mesmo” “Deus” ou “deuses.”

Ainda que “esse Deus” ou os “deuses” nesses casos possuam suas correspondências, consonâncias, dissonâncias, semelhanças e diferenças neles ou entre eles próprios relacionados a cultura que acreditam neles e os veneram, ou talvez, mais possivelmente, da percepção, noção e concepção de tais pessoas, povos e suas crenças nele ou neles, em “Deus” ou nos “deuses.” Enfim, “qual camisa esportiva local, regional, nacional, patriótica, cultural e país ele ou eles vestiriam ou vestirão?” Aqui reside nossa desilusão, novamente certo “*niilismo*” e ficamos em possíveis “aporias.” A dúvida se torna o maior imperativo sobre as certezas, convicções, conservadorismos, tradições, crenças, costumes e crenças produzidas social e culturalmente.

Sendo assim, precisamos esclarecer que aquele lema, *slogan*, bordão ou frase de efeito foi criado na esteira daqueles e com aqueles contextos mencionados e seus respectivos lemas “superiores”, diretores, norteadores e de reforço, os tais como: “Brasil: Ame-o ou deixe-o.” “Deus, Pátria e Família.” Ou seja, a crença de que “Deus ou um certo Deus” era ou é brasileiro estão fortemente vinculadas e

ancoradas ainda a essas duas noções e concepção, **(A)** tanto as fascistas, autoritárias, extremistas, conservadoras, arbitrarias, totalitárias e fundamentalistas quanto **(B)** as concepções e noções etnocêntricas, e xenófobas. Vale também dizer que elas são frases reformuladas e com suas origens euramericanas pós-século XX d.C. e pós 2ª grande guerra mundial. Enfim, as classes dominantes brasileiras com seus ideais euramericanos puseram novas roupagens nos fascismos. Isso vai culminar com os golpes e ditaduras de 1964.

Para compreendermos melhor a complexidade e problemáticas do assunto, tema e da questão Filosofias e Teologias Etnocêntricas ou Etnocêntricas Filosofias e Teologias? Futebol, Política e Religião com práticas Etnocêntricas e Xenófobas sob olhares da Sociologia, Historiografia, Filosofia e Antropologia — precisamos saltar no tempo e na história até o século XI d.C. ou de nossa era e “realizarmos um pouso” na Europa do medievo e sua era moderna.

Fazendo isso, inseriremos um recorte e apanhado apenas dos contextos pós-século XI d.C. ou de nossa era. Já que os contextos dos séculos V-VI em diante não serão tão necessários para as reflexões e exposições a serem apresentadas. Ou seja, o recorte e com três autores já o são suficientes para atenderem as demandas das problemáticas, questões e reflexões levantadas.

Concluo essa primeira parte, exposição ou fase do construto informando que as práticas racistas e preconceituosas nos estádios, clubes e partidas de futebol estão estritamente ligadas as origens e questões de indivíduos, grupos, classes e países com e entre as noções e concepções de e entre superiores e inferiores, puros e impuros, civilizados e não civilizados, desenvolvidos e não desenvolvidos etc. – Bem como com os ideais de eugenia, arianismos e assim por diante. E tais práticas são suavizadas ou minimizadas pelas ideologias dominantes, seus discursos eufemistas e persuasivos – e assim eles mantêm o espetáculo para as massas seguindo o curso da distração, manipulação e alienação – quase semelhante aos espetáculos nas arenas romanas para distraírem as massas dominadas, controladas, expropriadas, exploradas, empobrecidas e alienadas pelas ideologias e persuasão de quem fala e de quem deve escutar, receber e obedecer

os discursos, mensagens e as ordens diluídas nas entrelinhas dos mesmos (SEVERINO, 1986; AUTOR, 2022).

Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta, mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o “outro” nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferente (ROCHA, 1996, p. 20)

Fase II — A Origem de muitas de nossas crenças braZileiras em “Deus ou em um tipo de Deus” e os nossos extremismos

Na esteira da historiografia do medievo encontramos muitos filósofos, teólogos e pensadores tentando ajustar, conciliar e reformularem suas crenças, fé e razão lógica das coisas, fatos e acontecimentos. Inclusive as relações dessas entre causas e efeitos e vice-versa. Para sermos mais objetivos nos aspectos que envolvem nossa proposta, problemas, reflexões e considerações, partiremos do século XI d.C. com a perspectiva de Santo Anselmo e seu argumento ontológico sobre “Deus” (MARCONDES, 2016, 2019; GILSON, 1997; POPKIN, 2000).

Após isso, iremos ao século XIII d.C. com Santo Tomás de Aquino, também com seu argumento ontológico, das cinco causas ou vias sobre e da existência de “Deus.” E por último nos deteremos no século XVI d.C. com René Descartes e seu argumento também ontológico sobre a existência, necessidade e perfeição de “Deus.” E após isso poderemos observar suas influências em nossa cultura, imaginário social, visão de mundo, concepções de um “Deus nacionalista, patriota e exclusivo” de uma nação (MARCONDES, 2016, 2019; GILSON, 1997; POPKIN, 2000). Inclusive a relação dele ou deles, digo de Deus ou dos Deuses com a política, a cultura, os esportes, os rumos sociais de um país e as contraditórias, controversas, antagônicas e paradoxais teorias, filosofias e teologias sobre ele — onde com algumas reflexões “farão com que muitas ideologias desapareçam” e reapareçam com novas perspectivas, olhares e reflexões.

Mas, por que selecionamos esses três autores, dois medievais e um moderno? Isso foi feito devido aos três possuírem forte vínculo com as teorias aristotélicas e platônicas sobre a “necessidade da existência de “Deus=origem=Teoria/Mundo das Ideias” ou de uma Causa, Causa Motor etc. (Aristóteles).

A primeira teoria configura em “um ser, Ideia e razão primordial e original” que gera cópias imperfeitas ou uma Ideia geradora de outras formas e ideias imperfeitas (Platão).² Já a segunda teoria seria a que deve existir uma causa motor e imóvel de tudo, que move tudo e não é movida por nada e ninguém (Aristóteles). Sendo assim, não há necessidades de evocarmos ou trazermos Santo Agostinho para o debate ou outros filósofos, teólogos e políticos posteriores.

Santo Anselmo em seu argumento ontológico tem em vista informar que a presença e existência de “Deus” está impressa, marcada, identificada, relacionada e evidente em nós mesmos, na espécie humana, mas é claro, ele falava isso da espécie e ser humano europeu e cristão (e não de outros povos, culturas e religiões). Desse modo, para ele — se buscamos certa superioridade, perfeição e algo sempre maior e transcendente, e isso, este desejo de busca da perfeição está impregnado em nossa mente – sendo assim, é ou possar ser provável que há de existir algo maior do que buscamos e pensamos, isso no nível e âmbito de perfeição, um ser ou coisa além de nossas imaginações, inspirações, pensamentos e aspirações sobre superior, mais forte, poderoso, perfeito e assim por diante. E se isso existe em nossa mente e em nossos desejos, é provável que venha a refletir uma realidade existente, superior, perfeita a nós, acima de nós e que nos introjeta esses pensamentos, desejos e anseios direta e indiretamente. Então, ela, essa essência ou esse SER deve existir. E ela ou ele, é nada mais e nada menos do que “Deus” ou o próprio Deus. Ou seja, ele, Deus se reflete em nós e por meio de nós, em e por nossos pensamentos, aspirações e modelos superiores, de perfeição e de grandezas sublimes e majestosas. É importante informar ao leitor que tais teorias contém muitas analogias com a monarquia. Portanto, se concebemos a ideia de um ser superior, maior e perfeito, é possível que ele exista na realidade exterior a nós,

² - Essas ideias, suposições e reflexões alimentarão as teorias de Plotino sobre um SER causador de tudo.

no qual nos conecta a ele e na influência a pensar em tais grandezas dele e sobre ele (MARCONDES, 2016, 2019; GILSON, 1997; ANSELMO, 1980).

Já Santo Tomás de Aquino irá seguir o modelo aristotélico sobre e das cinco causas ou vias como: **(A)** a causa motor e imóvel que a tudo move, mas que não é movida, portanto, sendo fixa e imóvel, mas que move tudo, e essa causa seria o motor e gerador de tudo = “Deus”; **(B)** Logo, há uma causa participante-primeira de tudo o que existe, sendo ela a causa de si, ou seja, o motor é fixo e imóvel, mas reflete uma causa primeira, a qual é a si, ou a si próprio. Então, a causa primeira-participante de tudo é o próprio “Deus” como motor e causa Participante de tudo, inclusive de si enquanto ser, existência, presença e realidade. Lembre-se, isso é Santo Tomás de Aquino refletindo e filosofando sobre a existência de Deus para criar sua Teologia sobre ele. **(C)** Há uma causa motor, há uma causa primeira — logo, deve haver alguma ou uma causa necessária a e para tudo isso, sem ser contingente e dependente de nada e de ninguém, e que exista por si mesma, que se baste a si mesma e que seja independente de tudo e de todos, sendo ela necessária a ela mesma, e essa causa necessária e de se bastar a si mesma, seria o próprio “Deus.” **(D)** Portanto, para São Tomás se há um motor ou causa motor, uma causa primeira, uma causa necessária, não contingente e independente, isso aponta para algum modo ou expressão de perfeição. E para isso São Tomás recorre à percepção, experiência, noção e concepção humana de aspiração pela perfeição. Refletindo (ele) em teorias de Platão, Aristóteles, na Bíblia em sua totalidade, em Santo Agostinho, Santo Anselmo e outros, Aquino chegará à ideia de perfeição escalonada, em graus, níveis etc. E assim concebe a noção de que há um nível máximo, um pódio, topo e grau supremo da ou de perfeição, e essa é Deus, no qual todos os seres humanos estão sempre buscando alcançar perfeições em vários sentidos, âmbitos e aspectos, em suas escalas, níveis e graus. Se assim pensamos e a isso buscamos, há um limite e modelo exemplar de perfeição, a suprema perfeição, sendo esta “Deus.” E por último Tomás de Aquino concebe **(E)** A causa eficiente-inteligente e final, governante ou de Ser e Governo Supremo — no qual a tudo e a todos controla com e por sua suprema e única inteligência, ordena, governa – e que por ninguém é governada, controlada e ensinada – uma vez que ela é o limite máximo da inteligência, da ordem, do governo, do controle e da mobilidade de

tudo e de todos. Essa causa só pode ser “Deus.” Assim, como a finalidade e objetivos dessa causa, ser a si, ou seja, Deus. Já que Tomás de Aquino também está influenciado pelas relações, analogias, alegorias e metáforas de monarquia ou reis quanto de eleição, vocação, chamado, escolha, hereditariedade e predestinação elaboradas através e por meio dos escritos da Bíblia e extrabíblica. Portanto, para Tomás de Aquino “Deus” existe por ele e para ele, e direciona para ele os que são dele (AQUINO, 1990, 2003; MARCONDES, 2016, 2019; CHAUI, 2006).

René Descartes ao propor e expressar seu ceticismo metodológico como meio e modo de se chegar a certos conhecimentos seguros, claros, precisos, distintos, indubitáveis e não confusos pelos processos e procedimentos racionais, isso porque para ele as experiências e os aparelhos sensoriais ou sensitivos podem produzir e reproduzir ideias e informações confusas, não claras, erradas, não distintas e assim nos enganar com falsos conhecimentos. E para esse exercício de abstração intelectual e puramente racional, Descartes vai propor a famosa dúvida hiperbólica³ — no qual consiste em duvidar de absolutamente tudo e os negar — para que assim chegue a algum lugar, e dali ir reconstruindo suas informações, percepções e noções sobre o mundo, as coisas, a realidade e suas relações. Sendo assim, ele parte duvidando dos ensinamentos que teve, das crenças que introjetou, dos costumes, das instituições, das coisas, do mundo e de si mesmo. É como se tudo, todos e inclusive ele desaparecesse. Só ficou ou restou uma coisa, algo ou alguém pensando, “um ser,” ele próprio, como num vazio radical e extremo. Entretanto, quando tudo parecia ir aparentemente bem, Descartes supõe e introduz que para ele não ser enganado por ele próprio enquanto um ser apenas pensante e pensamento, nem por um ser, coisa ou entidade enganadora, deveria necessariamente haver um ser superior bom, perfeito, verdadeiro, justo e não enganador, e que o proporcionasse ter uma base de pensamento real, lógico, condizente, proporcional, correspondente e claro, para assim não confundi-lo e nem a ninguém — caso contrário seria impossível chegar ao conhecimento das coisas. E

³ - A dúvida no trabalho em tela segue como elemento importante do construto, isso desde a perspectiva grega com a dúvida como meio para se filosofar ou ao menos começar a filosofar. Ou seja, a dúvida, o espanto, a surpresa, a decepção, a desilusão e a reflexão crítica sobre o que nos causa ou causaram as dúvidas, incertezas, espanto, admiração, surpresa, decepção e assim por diante – serão o ponto de partida para a filosofia crítica.

essa base, ser, entidade, bondade e perfeição eram ou só poderiam ser Deus, ou “um Deus” (DESCARTES, 1999; MARCONDES, 2016, 2019; CHAUÍ, 2006).

Após essas teorias, filosofias e teologias a respeito da existência de Deus, muitas delas foram sendo fundidas, integradas, passando por certos sincretismos e sendo reorganizadas pelas posteridades pós-século XV-XVIII d.C. E assim influenciou muitas correntes filosóficas e teológicas a respeito de Deus, sua existência, presença e realidade. Criando e formando certos sistemas teleológicos, cosmológicos, filosóficos, cosmogônicos, morais, políticos, jurídicos, religiosos e assim por diante. Ou seja, gerou novas e outras produções sociais e culturais. Mesmo com críticas posteriores a esses autores e tais concepções sobre as coisas, a realidade, Deus e as relações entre todos esses, a exemplo de David Hume e Immanuel Kant, ambos na esteira do século XVIII de nossa era.

Ora, importante esclarecer que, tanto Anselmo, Tomás de Aquino quanto Descartes são sujeitos antropocêntricos, isso porque colocam a espécie humana como o centro pensador, força gravitacional, centro da órbita motriz e criadora da pessoa, personagem figura, imagens, características, formas, modos e nuances de Deus ou de um Deus. São eles quem pensam Deus. Digo como espécie humana. Logo, também são etnocêntricos, porque partem deles inseridos em uma sociedade, cultura e religião dominante e hegemônica. Não há espaço para se pensar e conceber o outro e suas crenças, divindades, misticismos e religiões. Apenas imagine que outros não autorizados a pensarem Deus de outra forma, restavam-lhes as perseguições, torturas, enforcamentos, degolações e fogueiras. Poderíamos citar apenas alguns exemplos conhecidos que sofreram perseguições por incomodarem a religião dominante e hegemônica da época, bem como seus defensores – perseguidos: Pedro Abelardo 1079-1142; Jonh Wycliffe 1320/28-1384; Guilherme de Ockham 1285-1347; Jonh Huss 1369-1415; Jerônimo Savanarola 1452-1498; Erasmo de Roterdã 1466-1536; Martinho Lutero 1482/3-1546; Nicolau Copérnico 1473-1543; Nicolau Maquiavel (1469-1527; Giordano Bruno 1548-1600; Galileu Galilei 1564-1642 e dentre tantos outros. Esses são apenas os sujeitos notórios, intelectuais, filósofos e teólogos conhecidos. Não haveria como mencionar e enumerar as inúmeras vítimas anônimas que a historiografia não tem como expor (VOLTAIRE, 2004; CURTIS, 1986; CAIRNS, 2010; LE GOFF, 1990, 2014, 2017;

RODRIGUES&KAMITA, 2015; CALAMINHO, 2017; MALUCELLI; FO; TOMAT, 2008; BRUNO, 1978; FOUCAULT, 2012; FRANCO JR. 1983).

Dessa forma, tais teorias, filosofias e teologias não são apenas antropocêntricas e etnocêntricas, mas também o são xenófobas, preconceituosas, fundamentalistas, conservadoras, extremistas (as GUERRAS entre católicos e católicos, católicos e protestantes, protestantes e protestantes, católicos e protestantes contra e em acirradas caçadas contra hindus, muçulmanos, budistas e outros são bons e fortes exemplos) e sobretudo são políticas e ideológicas.

Logo, esses detalhes e fatos se desdobram em outros mais polêmicos e complexos, os quais são — se tais teorias, filosofias, teologias e produções também de cunho políticos e ideológicos são antropocêntricas, etnocêntricas, xenófobas, conservadoras, preconceituosas, extremistas e fundamentalistas, logo, elas também o são segregadoras e excludentes, sobretudo partem de sujeitos específicos, culturas específicas e sociedades específicas. E que não são o mundo ou o centro do mundo e da humanidade. Isso porque este fato não existe. Mas, mesmo assim, há aquelas sociedades, grupos, culturas, religiões e etc., que querem ser o CENTRO do mundo e do universo – ao menos tentam se pretenderem a isso. Isso o fazem ou tentam fazer de modo autoritário, arbitrário, pela força, violências e guerras. Ou seja, em querer serem o centro do mundo.

Esquecendo-se assim, que há inúmeros outros tipos de povos, culturas, sociedades, crenças, valores, deuses, religiões, teologias, filosofias e assim por diante. Portanto, podemos então inferir que todas aquelas teorias, filosofias e teologias a respeito de Deus são relativas e ligadas a certas sociedades, culturas e povos. Logo, não sendo universais, globais, reais, verdadeiras e nem gerais. Mas sim e apenas um produto de uma sociedade, de um grupo, de uma cultura e de uma religião específica sobre o todo: seja a de Anselmo, Aquino, Descartes e tantos outros.

Enfim, não há grandes e extraordinários exercícios intelectuais para aquelas ou tais reflexões e produções. Isso se as concebermos como meras reflexões de sujeitos X, da sociedade X, da cultura X, da religião X e de sociedades com políticas X. O que dará a soma total de X. Dessa forma, ficam exclusas ou excluídas todas as

outras formas, modos, possibilidades, perspectivas e produções sociais, culturais e religiosas de A, B, C, D, E, F e assim sucessivamente. Ou seja, parece somente haver espaço para X e ser X ou como X.

Assim sendo, podemos compreender que da mesma forma que a espécie humana produz uma peça de roupa, uma casa, um prato alimentar, um utensílio, um estilo de vida, uma arma, culturas etc., também produz formas de pensar seus deuses, crenças, divindades e formas sistemáticas de suas religiões e manifestações religiosas. Ou seja, tais argumentos ontológicos são meras opiniões falaciosas, retóricas e sofisticadas. Desse modo, o argumento ontológico de Anselmo, Aquino e Descartes se tornam em meras produções culturais, antropocêntricas, etnocêntricas, xenófobas, preconceituosas, dogmáticas, extremistas, fundamentalistas, segregadoras, excludentes, doutrinadoras, arbitrárias, contraditórias, paradoxais etc.

E como isso ocorre? Ora, pelo simples fato de não apenas não possuírem evidências concretas e prováveis sobre Deus, mas também pelo fato de serem extremamente antropocêntricas, etnocêntricas e fundamentalistas, no qual ao excluírem outras formas de falarem, se expressarem e de concepção de Deus, se isolam em um quadrado único, formatador e logo, indiretamente relativizador. Isso porque excluem outros sujeitos, povos, sociedades, culturas, crenças e religiões existentes e reais com suas formulações teóricas, filosóficas e teológicas sobre Deus ou deuses. E não há como negá-los, pois esses existem e são reais, não são invisíveis (digo todos os demais povos, sociedades, culturas e suas teorias). Dessa forma, aquelas teorias, filosofias e teologias se tornam apenas mais umas dentre tantas outras. Portanto, sendo instrumentos políticos, ideológicos, arbitrárias, autoritárias, totalitárias e conservadoras.

Fase III — O Ponto Final e de derretimento de tais teorias suplantadoras de outras teorias CULTURAIS

Conclusões

Não há como negar que se a espécie humana for varrida da face da terra, extinta, aniquilada e exterminada, juntamente com ela vai suas concepções, noções

e aspiração de belo, perfeito, verdade, absoluto, certeza, realidade, subjetividade, cultura etc. Não haverá hipóteses, teorias, especulações, retóricas, falácias, sofismas, formulações, pensamentos, abstrações e/ou qualquer possibilidade de se pensar Deus. Só restarão árvores, rios e os demais animais.

Se não existe humanidade, mas apenas os demais animais, rios, árvores, plantas etc., não há necessidade de Deus. Se não há nem pensamento e nem necessidade de Deus, logo, possível ou provavelmente não haverá Deus. Sendo assim, as teorias, filosofias e teologias de Anselmo, Aquino e Descartes ficam cada vez mais em maus lençóis, assim como reforçam seus dispositivos, elementos e mecanismos antropocêntricos, culturais, etnocêntricos, xenóforos, segregadores, excludentes, fundamentalistas, extremistas, conservadores, preconceituosos, dogmáticos, doutrinadores, políticos e ideológicos: Filosofias e Teologias Etnocêntricas e Xenóforas. Com isso, podemos dizer que desde os processos de colonização dos povos indígenas, durante os vários golpes de estado no Brasil, as ditaduras e as ideologias vinculadas a esses e com seus lemas como “Deus, Pátria e Família”, “Brasil: Ame-o ou deixe-o” ou “Deus é brasileiro,” não passam de instrumentos políticos, ideológicos, conservadores, de controle, dominação e de disciplina através e por meio de Filosofias e Teologias Etnocêntricas ou Etnocêntricas Filosofias e Teologias — onde até mesmo o Futebol, a Política e a Religião manifestam suas práticas etnocêntricas, xenóforas, preconceituosas e outras (CHAÚÍ, 1980; LINHARES, 2000; CASSIRER, 2001; FOUCAULT, 2012; FIORIN, 1994; ALTHUSSER, 1987; FREUD, 2011, 2014).

Esperamos que o trabalho em tela suscite reflexões críticas sobre e em relação ao passado e o presente – envolvendo cultura, educação, ideologias, formação, persuasão, religiosidade ou manifestações religiosas, teologias, política, práticas esportivas, intolerâncias e tolerâncias, sobre respeito, empatia, multiculturalidade, linguagens, sobre etnocentrismos e formas e modos de governo autoritários. Inclusive as relações entre estado, religião, política, esportes, poder e controle.

Referências:

-
- AGOSTINHO, A. Confissões. São Paulo. Martin Claret, 2004.
- AGOSTINHO, A. Cidade de Deus. V.1, L. I-X. Rio de Janeiro. Vozes, 2014.
- ALTHUSSER, L. Aparelho Ideológico de Estado (AIE). Rio de Janeiro. Graal, 1987.
- ANSELMO, S. Vida e obra de Santo Anselmo e Aberlado, o Monológico, o Proslógico, a verdade, o Gramático – Coleção os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural, 1980.
- AQUINO, T. Suma contra os Gentios. Vol. I. Porto Alegre. Vozes, 1990.
- AQUINO, T. Suma Teológica. Vol. I-II. São Paulo. Loyola, 2003.
- ARISTÓTELES. Metafísica. Vol. I-II. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ARISTÓTELES. Política. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- ARISTÓTELES. Retórica – Obras Completas. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 2005.
- ARISTÓTELES. Retórica. Rio de Janeiro. Vozes, 2018.
- BATAILLE, G. Teoria da Religião. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2016.
- BOURDIEU, P. Questões de Sociologia. Lisboa. Editora: Fim de Séculos, 2003.
- BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNO; GALILEU&CAMPANELA. Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural, 1978.
- CARNOY, M. Estado e teoria política. São Paulo. Campinas: Papyrus, 1990.
- CASSIRER, E. Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAUÍ, M. O Que é Ideologia. São Paulo. Brasilense, 1980.
- CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo. Ática, 2006.
- CITELLI, A. Linguagem e Persuasão. São Paulo. Princípios-Ática, 1990.
- CAIRNS, E. E. O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- CALAMINHO, D. B. História Medieval do Ocidente. Rio de Janeiro. Vozes, 2017.
- CARDOSO, C. F. S. Uma Introdução à História. São Paulo. Brasiliense, 1981.
- CARDOSO, C. F. &VAINFAS, R. Nos Domínios da História. Rio de Janeiro. Campus, 1997.
- CURTIS, A. K. Os 100 Acontecimentos mais Importantes da História do Cristianismo. São Paulo. Editora: Vida, 1986.
- CURY, F. Copérnico e a Revolução da Astronomia. São Paulo. Minuano, 2003.
- DESCARTES, R. Discurso do Método. Os Pensadores. São Paulo. Abril, 1999.
- DURKHEIM, E. As Regras do Método Sociológico. São Paulo. Martin Claret, 2011.
- DURKHEIM, E. Da divisão do Trabalho Social. São Paulo. Martins Fontes, 2014.

AUTOR. O Animal Essencialmente Político. Cadernos Do PET Filosofia, 10(19), 58-69, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/1967> .Acesso em: 09 de Jun. 2024.

AUTOR. O que é história, o sentido da história e a historiografia. Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/38960>

AUTOR. Etnocentrismo, Xenofobia e Medo: Pulsão, Repressão e Recalque como Medo oculto do outro, do desconhecido, do diferente e do diverso. Interterritórios. 2022. Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, V.8 N.17: e254345 [2022 A]. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/254345/43090>.

AUTOR. O ser cidadão no Brasil: Um problema de semântica, de conceito, não entendimento do termo, não ativação e efetividade da prática ou uma economia da concretude? Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades Teresinha (PI), v. 5, n. 2, p. 01-36, e-ISSN: 2675-1496, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/caedu.v5i2.3852> .

AUTOR. O Brasil dos poucos donos de grandes extensões de terras: uma aproximação com a pedagogia feudal entre suseranos e vassallos, analogia, metáfora ou elementos feudais? Revista Mutirão. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul V. III, No. 3, 2023. <http://dx.doi.org/10.51359/2675-3472.2022.254349>

AUTOR. Antropofagismo Político ou Canibalismo Político Moderno? Práticas simbólicas e figuradas como instrumentos de apropriação do outro e de suas qualidades, um ensaio. Revista Ideologando, Recife, v. 8, n. 1, p. 3-13, 2024, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ideologando/article/view/264885>

DUMOULIN, O. O Papel Social do Historiador. Belo Horizonte. Autêntica, 2016.

ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo, Boitempo, 2008.

ENGELS, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo. Boitempo, 2011.

FERNANDES, F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo. Nacional. 1979.

FIORIN, J. L. Linguagem e Ideologia. São Paulo. Princípios, Ática, 1994.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir—História da Violência nas Prisões. Rio de Janeiro. Vozes, 2012.

FRANCO JR, H. A Idade Média: Nascimento do Ocidente. São Paulo. Brasilense, 1983.

FREUD, S. O Mal-estar na Civilização. São Paulo: L&PM, 2011.

FREUD, S. Psicologias das Massas e Análises do EU. São Paulo. L&PM, 2014.

GALEANO, E. As Veias Abertas da América Latina. São Paulo. Editora, L&PM, 2016.

-
- GANCHO, C. V. Como Analisar Narrativas. São Paulo. Princípios – Ática, 1993.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- GILSON, E. A filosofia na Idade Média. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.
- LE GOFF, J. História e Memória. São Paulo. Unicamp, 1990.
- LE GOFF, J. Uma Breve História da Europa. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- LE GOFF, J. As Raízes Medievais da Europa. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- LINHARES, L.; MESQUITA, P.; SOUZA, L. L. (2007). ALTHUSSER: A escola como aparelho ideológico do estado (2007). Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/.../CI-204-05.pdf>>.
- LINHARES, M. M. História Geral do Brasil. Rio de Janeiro. Editora: Campus, 2000.
- LIVERANI, M. Antigo Oriente. São Paulo. Edusp. 2017.
- LUTERO, M. O Cativo Babilônico da Igreja. São Paulo. Martin Claret, 2007.
- MALUCELLI, L.; FO, J. TOMAT, S. O Livro Negro do Cristianismo: Dois Mil Anos de Crimes em Nome de Deus. Rio de Janeiro. Ediouro, 2008.
- MARCONDES, D. Iniciação à História da Filosofia. Rio de Janeiro. Zahar, 2016.
- MARCONDES, D. Raízes da Dúvida. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.
- MARX, K.; Engels, F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Editora: Boitempo, 2005.
- MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 2006. v. 1.
- MARX, K. O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- MARX, K. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2012.
- POPKIN, R. História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza. Rio de Janeiro. Francisco Alvez, 2000.
- ROCHA, E. O que é etnocentrismo? Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.
- RODRIGUES, A. E. M.; KAMITA, J. M. História Moderna. Rio de Janeiro. Vozes, 2015.
- ROSSI, P. O Passado, A Memória, O Esquecimento. São Paulo. UNESP, 2018.
- SEVERINO, A. J. Educação, Ideologia e Contra ideologia. São Paulo: EPU, 1986.